

paisagens praticadas nas orlas de salvador:
uma metodologia experimental de apreensão crítica

joaquim f. seixas de oliveira

UFBA - faculdade de arquitetura e urbanismo | trabalho final de graduação | 2014.2

paisagens praticadas nas orlas de salvador:
uma metodologia experimental de apreensão crítica

joaquim f. seixas de oliveira

orientação: paola berenstein jacques

agradecimentos

A Paola, pela disposição e compreensão desde o início e pela atenção afiada do seu olhar certo, sempre uma luz nas minhas confusões.

Aos membros da banca, por aceitarem nosso convite e oferecerem o tempo, a atenção e as contribuições, enriquecendo assim o trabalho.

A minha família, pelo acolhimento amoroso e tranquilo de sempre.

A Renna, que esteve todo o tempo comigo, com tanta paciência e dedicação. Sem sua ajuda, esse trabalho não existiria.

sumário

- 9.** apresentação / motivação
- 16.** diagrama do processo
- 19.** encaminhamento metodológico
- 31.** relato: percurso 1 - orla atlântica
- 41.** relato: percurso 2 - orla da baía
- 63.** considerações finais
- 75.** referências

apresentação / motivação

Este trabalho procura novas maneiras de pensar a questão da paisagem na cidade a partir da experiência da orla de Salvador, recorte do território urbano que frequentemente se torna o foco de interesse da especulação imobiliária a partir de grandes corporações que exercem forte influência nos processos de transformação da cidade e nos recentes projetos de 'revitalização urbana' da atual gestão municipal. Tem também o objetivo de desenvolver um método experimental de análise que seja capaz de apreender, para além da noção comum sobre o significado de paisagem (que a entende como uma vista ou um panorama observado de longe), os elementos e fatores que caracterizam o que chamaremos de *paisagens praticadas*, que seriam aquelas que consistem não somente nos cenários existentes (as estruturas construídas, a morfologia da cidade, e sua relação com os elementos da natureza), mas também (e principalmente) nas práticas cotidianas que acontecem nesses cenários, dando a eles significado. Estas *paisagens praticadas* seriam resultantes de uma leitura das práticas cotidianas, das situações que elas geram, e do território urbano onde acontecem, e seu contraponto seriam as *paisagens fabricadas*, produto de processos especulativos, projetos espetaculosos e eventos programados.

A motivação inicial para o trabalho surgiu em resposta à divulgação de imagens genéricas e informações incompletas, em junho de 2013, anunciando o que a Prefeitura de Salvador chamou de "Projeto de Revitalização da Orla de Salvador", que posteriormente ganhou o título de *Nova Orla de Salvador*. Inicialmente, foram mostradas

imagens para 9 trechos de intervenção com um custo total estimado em 111 milhões de reais¹ e cuja obra se pretendia terminar antes da Copa do Mundo de 2014 (pouco mais de um ano depois de anunciado o projeto). Dentre as propostas do projeto – das quais, seja por omissão ou pela indefinição da proposta, nenhuma foi apresentada a público em detalhes palpáveis para o adequado entendimento ou discussão –, algumas já tinham suas obras iniciadas (como era o caso da maioria dos trechos em que a reforma consistia meramente em uma maquiagem superficial no calçamento, asfalto, faixas de pedestre etc. – como no trecho da Boca do Rio), enquanto outras propostas estavam passando por trâmites burocráticos para que se iniciassem, como era o caso do trecho da Barra.

Neste ponto do trabalho, ainda não estava claro que o programa *Nova Orla* visava à orla da Barra como a primeira grande área de foco do interesse de investimento, no que posteriormente se revelaria como uma grande reforma urbana a aplicar um modelo específico de intervenção na paisagem. Tal modelo, depois de atrair a devida atenção ao ser aplicado na orla da Barra, com toda sua visibilidade, viria então a ser replicado em outras áreas da cidade, inclusive com a reutilização de alguns elementos temáticos utilizados quando do ato da inauguração pública da reforma, como será mostrado mais adiante.

1 Correio da Bahia, disponível em <<<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/projeto-de-revitalizacao-para-orla-inclui-9-trechos-e-custo-estimado-de-r-111-milhoes/>>>, 12 de junho de 2013.



Figura 1 - primeiras imagens divulgadas pela prefeitura² – projeto Nova Orla de Salvador

A forma escusa e apressada com que as vagas informações sobre o projeto foram divulgadas, assim como a intenção de concluir as obras em tão pouco tempo, implicando uma execução inevitavelmente apressada das mesmas, com o estabelecimento de um prazo final que claramente visava capitalizar encima do grande evento internacional de apelo turístico que seria a Copa do Mundo de 2014, além do emprego de termos

² Imagens retiradas do website do prefeito ACM Neto, disponíveis em <<<http://www.acmneto.com.br/foto/fotos-do-projeto-da-nova-orla-de-salvador/>>>, acesso em 17 de novembro de 2013.

como “revitalização urbana” em áreas que não demonstravam, de forma alguma, estarem *ausentes de vida* foram fatos que, combinados, chamaram a atenção por simbolizarem um sintoma da mentalidade imediatista e leviana por trás de corporações e entidades que são influentes nos processos políticos que ditam as transformações urbanas de grande escala planejadas na nossa cidade, sem abrir espaço para o debate ou a participação da população no processo de planejamento (e sem tempo hábil para que houvesse qualquer mudança de rumo nos projetos, cuja apresentação aberta ao público não passou de uma formalidade a cumprir). No jogo de forças que é a cidade, no qual empreendedores, órgãos públicos de planejamento e investidores corporativos (ou seja: os agentes *macro*) têm tanto espaço na luz, tanta voz nos processos de transformação planejada, os movimentos sociais e os praticantes cotidianos dos espaços da cidade, cujos papéis são também fundamentais, acabam se tornando uma resistência – os agentes *micro* que insistem e persistem, o ruído que se reaproxima da luminosidade e visibilidade a partir das margens, se reapropriando lentamente dos espaços da cidade de onde foram expulsos pelos processos de valorização, espetacularização e gentrificação que surgem como consequência do tipo de prática projetual que buscamos problematizar.

As paisagens simuladas nas imagens mostradas anteriormente, que representam uma intenção de projeto de ‘revitalização’ da orla, parecem mais propor uma orla *desvitalizada*. São imagens gritantemente artificiais e genéricas, que simulam uma cidade vazia e sem significado. Identificar a localização de cada uma das imagens nos respectivos trechos da orla ilustrados por elas seria uma tarefa muito difícil, já que nem mesmo como plano de fundo os elementos da cidade aparecem de forma reconhecível.

Paisagem fabricada na Nova Orla da Barra: público atraído pelo evento programado (Feira Gastronômica) na Av. Oceânica, próximo ao Farol.



foto do autor

Simultaneamente, uma rua de acesso local próxima à orla se encontra esvaziada, usada apenas como estacionamento.

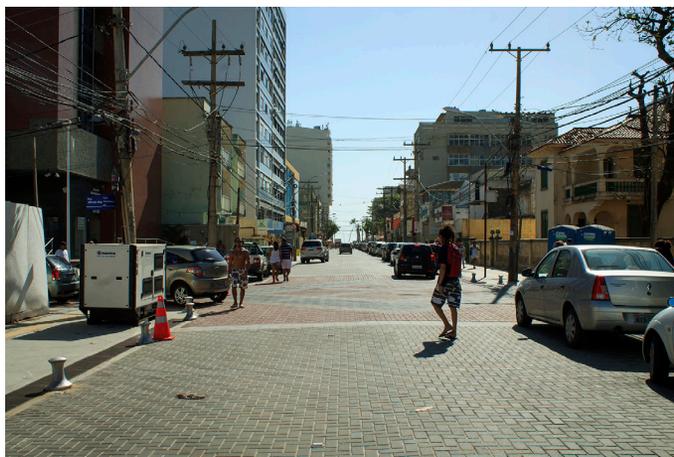


foto do autor

Em reflexões posteriores ao processo de investigação a ser apresentado ao longo do trabalho, foi emergindo a ideia de que uma analogia com as artes cênicas poderia ajudar a descrever as relações existentes entre as práticas e a paisagem, como foram apreendidas nas experiências:

- A ideia tradicional de paisagem (consistindo nas estruturas físicas da cidade) corresponderia a um **palco** vazio num teatro: a estrutura física que serve de apoio para possíveis objetos cenográficos e atores que dão significado à peça – esta seria a camada de baixo;
- Modificadores como a temporalidade, as situações criadas pelas práticas cotidianas e as ambiências urbanas corresponderiam aos **elementos cênicos** na camada do meio, que estabelecem a ambiência para as ações e interações que vêm a seguir;
- As pessoas que habitam e frequentam os espaços e suas práticas cotidianas, que foram observadas nos percursos, corresponderiam aos **atores** e à prática de suas artes cênicas, que modificam e/ou consolidam o tom e a ambiência dos elementos cenográficos, finalmente imbuindo o conjunto do palco de significado e propósito (e que consistem na essência do que a peça – ou a cidade – é).

Estabelecendo essa analogia, facilita-se a exposição da postura de planejamento e projeto urbano tomada em Salvador, que foi o ponto de partida para a crítica que buscamos construir com este trabalho. O diagrama a seguir ilustra essa leitura.

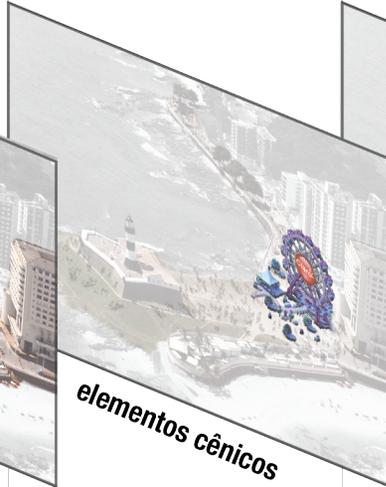
camada 1

noção convencional de paisagem, estruturas construídas, imóveis



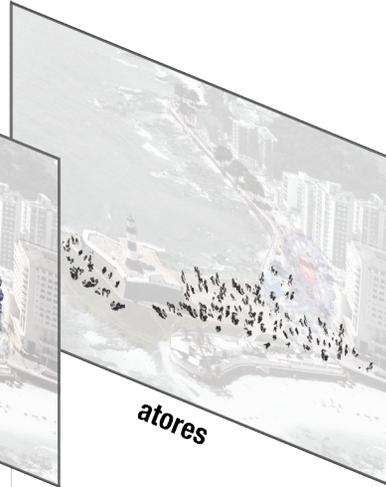
camada 2

ambiências, situações, modificadores de estado



camada 3

práticas cotidianas, apropriações espontâneas de espaços públicos



paisagem fabricada (privatização)



paisagem praticada (apropriação)



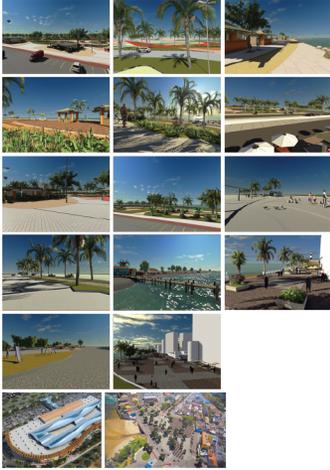
ex.: patrimonialismo, desobstrução e restituição de “paisagens originais”

ex.: roda gigante, feira gastronômica, eventos programados

ex.: churrascão no porto, extensão da casa, conflitos, encontros

diagrama do processo

- PMS - Imagens do projeto Nova Orla de Salvador



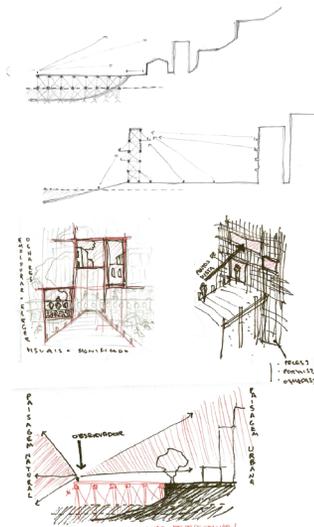
3 caminhada 1 orla oceânica

1 ponto de partida

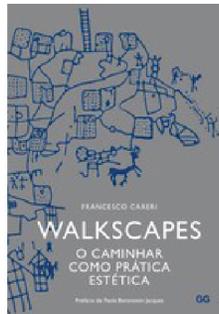
2

5 cartografias

- Ideias iniciais - intro. TFG

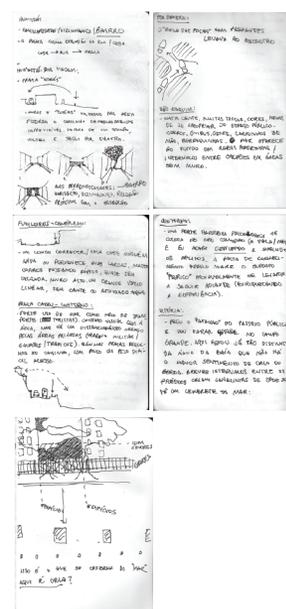


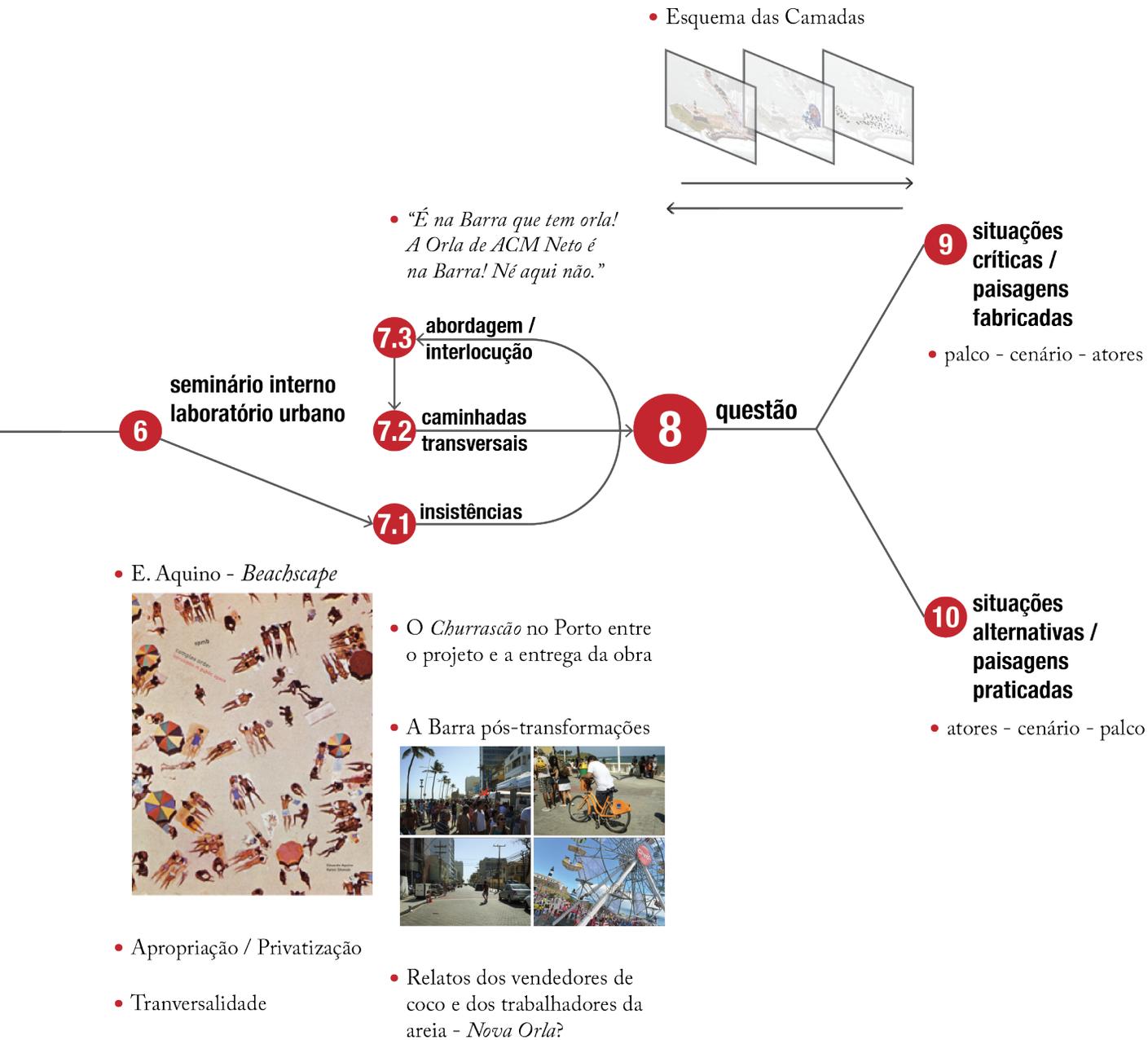
- F. Careri - *Walkscapes*



4 caminhada 2 orla da baía

- J. G. Cantor Magnani - *de perto e de dentro*





encaminhamento metodológico

Ao falar da costa litorânea de Salvador, Sampaio (2010, p.124)³ afirma que "[...] as Orlas possuem mais de 50km de extensão, e todo este território não se urbaniza a curto prazo, sem prioridades [...]". O uso da palavra "orlas", no plural, é reflexo da ênfase que o autor dá à delimitação conceitual dos diferentes termos que normalmente se usam para se referir à interface entre terra e mar, como *orla*, *borda*, *praia* etc. É também um esclarecimento da parte do autor a respeito da complexidade em se tratar o planejamento da cidade de Salvador no que tange a suas áreas no limite urbano com o mar: o fato de que toda essa extensão de mais de 50km lineares de território urbano esteja imediatamente próxima à água não é o suficiente para que ela seja tratada como uma única "zona" homogênea ao se proporem intervenções para o espaço urbano inserido nessa faixa de cidade.

De acordo com a legislação federal brasileira, se compreende por **Orla Marítima** a faixa contida na zona costeira, de largura variável, compreendendo uma porção marítima e outra terrestre, caracterizada pela interface entre a terra e o mar (art. 22 do Decreto Federal nº 5.300/2004). Os critérios adotados para a compreensão dos limites dessa faixa territorial, segundo os incisos I e II do art 23 do Decreto Federal nº 5.300/2004, são:

- a) critério marítimo: isóbata (linha que une pontos de igual profundidade) de dez metros, profundidade na qual a ação das ondas passa a sofrer influência da variabilidade topográfica do fundo marinho, promovendo o transporte de

³ SAMPAIO, Antônio Heliódório Lima – 10 necessárias falas: cidade, arquitetura e urbanismo. EDUFBA, Salvador, 2010. Capítulo 5.

sedimentos;

- b) critério terrestre: cinquenta metros em áreas urbanizadas ou duzentos metros em áreas não urbanizadas, demarcados na direção do continente a partir da linha de preamar ou do limite final de ecossistemas, tais como as caracterizadas por feições de praias, dunas, áreas de escarpas, falésias, costões rochosos, ou braços de mar, quando existentes, onde estão situados os terrenos de marinha e seus acrescidos.

No caso de Salvador, como no recorte do trabalho estaremos trabalhando com duas frentes de interface entre terra e mar, por se tratarem de dois corpos d'água distintos (o Oceano Atlântico, nas direções sul e leste; e a Baía de Todos os Santos, nas direções norte e oeste), conceitualmente tratam-se de duas orlas, ambas as quais estão compreendidas no que a legislação municipal de Salvador define como Área de Borda: a área de contato ou proximidade com o mar, que define o perfil urbanístico (silhueta) da cidade (Lei Municipal nº 3.377/1984).

Desde esse primeiro momento, surgiu a inquietação de entender que existem, portanto, assim como em qualquer outra área no “miolo” da cidade, vários espaços urbanos diferentes nas orlas de Salvador, com ambiências diferentes, que se modificam a todo momento em diferentes temporalidades. Suas frentes de limite com o mar são trechos de bairros e regiões com características bastante específicas, em áreas da cidade com diferentes contextos, com particularidades geográficas, sociais, culturais etc. Cada trecho das orlas, enfim, é um trecho da cidade, ou de um bairro; cada um

deles, portanto, é um *lugar* – não apenas um pedaço de chão perto da água, e sim uma parte da cidade com sua inerente complexidade – suas memórias, suas práticas, seus usos, apropriações, tensões etc. Portanto, a ideia de um projeto chamado *Nova Orla de Salvador* soava confusa, desde sua concepção, por assumidamente entender, pela forma como a proposta foi apresentada, os vários trechos diferentes de cidade situados na orla de Salvador segundo uma lógica única, homogeneizadora e linear. Como se a orla inteira da cidade de Salvador pudesse ser entendida como um só *lugar* ou ser tratada como um único destino de visitação, quando na realidade, segundo as disposi es legais, quando se fala em orla, trata-se de um recorte territorial da cidade, no limite com o mar, que, naturalmente, abarca vários *lugares* diferentes.

No discurso do prefeito de Salvador, ACM Neto, de quando foi anunciada a série de interven es, a palavra "padronizar" aparece recorrentemente. O  nico elemento perceptível que se repete no vídeo de divulga o da proposta⁴ (que traz poucas informa es precisas sobre as interven es, embora seja o único material de divulga o do projeto que esteve disponível para consulta no período) são quiosques de serviço extremamente genéricos, cuja proposta formal e funcional   arbitrária e claramente incauta sobre a diversidade de contextos urbanos e formas de vivenciar e praticar os espaços existentes nas diferentes regiões atendidas pelo plano.

4 Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=2cTp0Eprf1A>>



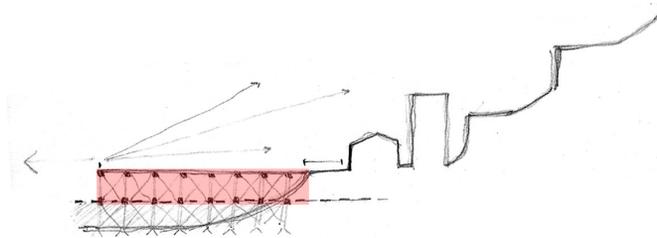
Figura 2 - Quiosques projeto Nova Orla (trecho Itapuã)

Desde então começava a se revelar que os projetos da *Nova Orla* de Salvador se tratavam de um modelo homogeneizador para uma rede de espaços complexa como essa que compreende tais trechos das orlas da Cidade, e por trás dessa intenção de padronização, não havia exagero em prever que se escondia um dispositivo de ordenamento e controle sobre as práticas que ocorrem nesses espaços.

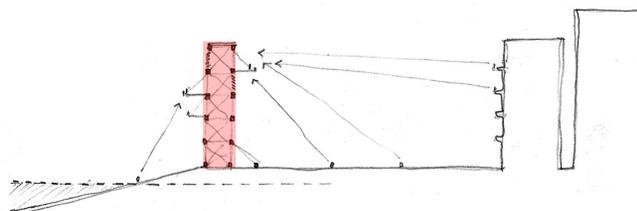
A intenção inicial do trabalho era a de propor uma rede de intervenções provocativas que chamassem a atenção para a questão da paisagem das orlas em constante transformação no jogo de forças que influenciam o projeto urbanístico e posteriormente gerem os espaços privatizados resultantes, edificando e demolindo sem muito critério e sem olhar para quem habita e frequenta a cidade com suas práticas cotidianas e formas particulares de apropriação dos espaços. Nessa perspectiva, a ideia consistia em edificar pontes e torres em pontos diversos ao longo das orlas da cidade, que

conformassem uma rede de intervenções que funcionassem como instalações com o objetivo de provocar reflexões acerca do significado da paisagem e do papel do olhar das pessoas nesse processo.

**Croqui Exemplo 1:
intervenção tipo 'ponte'**



**Croqui Exemplo 2:
Intervenção tipo 'torre'**



Para entender os encaminhamentos que foram dados à abordagem metodológica após essas ideias iniciais, é importante ressaltar que a inquietação e a insatisfação que serviram como impulso inicial para motivar a escolha do tema do trabalho não eram somente uma resistência em particular aos processos de planejamento especulativo da cidade ou uma contraposição às práticas projetuais típicas do urbanismo corporativo-empresarial. As imagens divulgadas pela prefeitura em junho de 2013, mostrando edificações genéricas, céus azuis impecáveis, vegetações exageradamente frondosas e planos de fundo que nada comunicam sobre o contexto urbano em que se inserem as intervenções propostas simuladas naquelas cenas ressoaram por se asse-

melharem ao tipo de produto que vem sendo incentivado e cobrado dentro da própria Universidade enquanto produção de pensamento propositivo sobre a cidade. Logo, se evidenciou a potencial fragilidade em se trabalhar com uma forma de pensar que operasse na mesma lógica da que norteia os projetos e processos de especulação e espetacularização da cidade observados em propostas como as do projeto *Nova Orla*. Se foram estes processos que serviram de gatilho para o interesse em contestar os encaminhamentos do *modus operandi* do poder público e do urbanismo corporativo em vigor na cidade, certamente a verdadeira potência deste trabalho implicaria a busca por outras perspectivas, outras visões, outras formas de pensar na questão da paisagem e de entender o seu significado prático.

Entendendo nosso corpo como principal instrumento de experimentação e apreensão do espaço urbano, a abordagem deste trabalho estabelece um método de análise que consiste em caminhar longas distâncias na cidade, atravessando e vivenciando os seus espaços, numa tentativa de contrabalancear e complementar o que nos é compreendido como o método mais tradicional, mais distante e quantitativo adotado pela maior parte das forças e entidades envolvidas no planejamento especulativo e corporativo das cidades (a exemplo do caso colocado anteriormente do projeto *Nova Orla*). Essas abordagens tradicionais de análise do ambiente urbano tipicamente retratam a ideia da paisagem como um plano de fundo ou uma abstração de um quadro panorâmico visto de fora e de longe. São as imagens simuladas que aparecem no caso do projeto *Nova Orla*. Em apresentações de concepções propositivas para esse conceito de paisagem, é comum a presença de imagens nas quais as estruturas rígidas

que compõem os elementos da morfologia da cidade (como ruas e edifícios) parecem querer ditar e ordenar todos os possíveis usos do espaço urbano resultante de uma transformação pretendida pelo projeto em questão, geralmente demonstrado através de imagens que recriam digitalmente o plano de fundo cenográfico urbano pra gerar uma simulação de como será a cidade eventualmente: o ubíquo antes-e-depois. Tal é o caso do projeto apresentado pela prefeitura de Salvador para a “Nova Orla” da cidade, supostamente abrangendo toda a faixa de orla marítima da cidade, mas, na prática, deliberadamente destacando o bairro da Barra (que posteriormente se revelou como principal foco de interesse e área-alvo da primeira de uma série de transformações urbanas pretendidas). Então, este trabalho busca um método experimental, mais envolvido nas práticas que acontecem no “aqui e agora” desses ambientes urbanos, de entender a questão da paisagem e qual o papel que ela cumpre (e qual outro papel ela poderia vir a cumprir) no processo de planejamento e nos projetos urbanos para a cidade de Salvador.

Essa abordagem se inspira no conceito de José Guilherme Cantor Magnani de buscar uma visão *de perto e de dentro*, em oposição à visão *de fora e de longe* do entendimento tradicional da paisagem, capaz de simultaneamente observar, analisar e experimentar as práticas que imbuem a paisagem de significado e propósito, que é o que a torna de fato uma parte fundamental do que é a cidade. Para isso, baseamos nossas ações experimentais de apreensão nas noções apresentadas por Francesco Careri de *walkscapes* (paisagens em movimento, ou a paisagem experimentada ao atravessar o espaço urbano a pé) e do caminhar como instrumento de apreensão e projeto, buscando

observar e participar nas transformações que acontecem a todo o tempo na área de estudo do trabalho. Segundo Careri (2013, p.32)⁵:

“[...] o caminhar revela-se um instrumento que, precisamente pela sua intrínseca característica de simultânea leitura e escrita do espaço, se presta a escutar e interagir na variabilidade desses espaços, a intervir no seu contínuo devir com uma ação sobre o campo, no ‘aqui e agora’ das transformações, compartilhando desde dentro as mutações daqueles espaços que põem em crise o projeto contemporâneo.”

Nos inspiramos também no conceito do Prof. Eduardo Aquino de *beachscapes*⁶: paisagens e espaços urbanos que se caracterizam por uma ambiência que chamaremos de *estado de praia*, que resulta de práticas individuais e coletivas no espaço público definidos pelo ócio e pela disponibilidade – mesmo que tais práticas não ocorram exatamente na faixa de areia, ou que não estejam restritas a ela.

Compreendida a potência do caminhar como uma forma de leitura e escrita do espaço urbano e como uma ferramenta para investigar e apreender as referidas *paisagens praticadas*, nosso método se apresenta em três âmbitos interdependentes:

- O percurso como experiência (o ato de atravessar a cidade, a ação do caminhar), que é a camada mais potente da ação, mas também a mais difícil de

5 CARERI, Francesco (2013) – *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Ed. Gustavo Gili, São Paulo, SP.

6 Conceituação de *Beachscape* disponível na webpage do professor Eduardo Aquino, em <<<http://umanitoba.ca/faculties/architecture/facstaff/faclist/aquino.html>>>

- reproduzir ou narrar;
- O percurso como objeto (a linha traçada ao atravessar o espaço da cidade, reproduzida cartograficamente);
 - O percurso como estrutura narrativa (o relato da travessia, que remonta a experiência de apreensão e suas reflexões e análises posteriores);

A área escolhida para a primeira aproximação nesse método experimental foi a que se define pela faixa linear que traça a silhueta da borda da cidade com o mar, contida entre os principais faróis da orla da cidade: do Farol de Itapuã ao Farol da Barra (representando a orla oceânica, com aproximadamente 23 quilômetros lineares de comprimento), e do Farol da Barra ao Farol da Ponta de Mont Serrat (representando a orla da baía, com aproximadamente 15 quilômetros lineares de comprimento). No momento da escolha dos percursos, adotamos a postura de não consultar mapas e não buscar informações específicas – o tempo estimado e a distância total de cada percurso eram desconhecidos e as dificuldades a serem contornadas também: a proposta era que a possibilidade de experimentar o inesperado potencializasse a capacidade de apreensão crítica e trouxesse a possibilidade do desvio e do imprevisto para o método. O intuito principal dessas caminhadas seria percorrer de perto os espaços da orla da cidade e observar as diversas práticas que ocorrem neles, em busca de apreender os diferentes *estados de praia* e outros elementos que compõem as *paisagens praticadas*, e procurando também sinais que ajudassem a revelar o próximo passo no caminho para uma eventual aproximação em áreas específicas da orla para investigar de forma mais persistente.

Após a divisão da área de estudo nestes dois percursos, a experiência seria realizada na forma de travessias a pé, cada uma ao longo de um dos recortes delimitados anteriormente nas orlas da cidade, numa tentativa de investigar a experiência do caminhar por essas faixas de cidade de forma contínua – que não é uma forma comum de se percorrer esses espaços. A ideia era a de que os elementos que viessem a interromper a continuidade dos percursos das caminhadas potencialmente se tornariam objetos de análise mais tarde, ao cartografar a apreensão e construir uma narrativa que trouxesse os relatos das experiências. Além disso, a continuidade forçada ao caminhar permitiria que as diferentes práticas observadas ao longo do caminho, que se revelariam muito diversas e potentes em suas capacidades de modificar os espaços urbanos, fossem observadas de forma comparativa em percursos contínuos. Seguem, nas próximas páginas, os relatos das experiências, remontados através das notas e croquis do diário de campo, que foram expandidos na forma de uma narrativa em texto corrido, trazendo também os desenhos e esquemas feitos durante as caminhadas como notas das observações de campo.

percurso 1: ORLA ATLÂNTICA

Salto em Itapuã, caminho até o farol e o primeiro passo que dou a partir de lá é o início da jornada. Na intenção de estar o mais próximo possível da água, inicio minha caminhada pela areia, pois neste trecho não há calçada de onde se tenha contato visual com o mar: o limite dos lotes urbanos termina já na faixa de areia. Ainda é muito cedo e o movimento na praia é pouco. Passo por alguns pescadores ao longe, nas pedras – estes deviam estar ali desde mais cedo. Aos poucos, começam a **cruzar** meu caminho famílias, pessoas, cachorros, pessoas com seus cachorros... Todos estes chegaram cedo à praia, para uma manhã de domingo. Ao passar, ouço lorotas de pescador, conversas entre algumas pessoas e seus cachorros, e um bate-papo entre crianças procurando a poça ideal para brincar nas pedras:

Primeira indicação de que a transversalidade viria a ser uma noção determinante ao se observarem as formas de apropriação e as práticas típicas dos estados de praia, bem como a relação entre a areia e os limites urbanos.

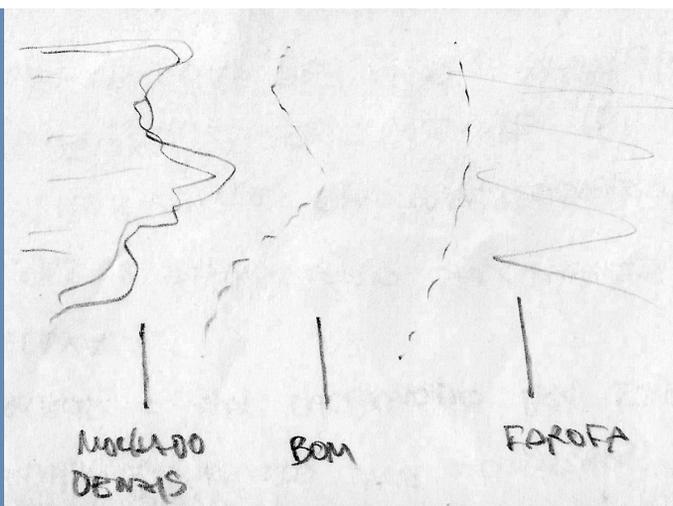
“Essa água tá muito seca!”, reclamou uma menina.

“Mas é bom assim que faz piscininha!”, respondeu a outra.

E assim se acertaram a ficar naquela poça mesmo, depois da breve negociação de vontades.

De conversa em conversa, vou seguindo o percurso pela areia, atravessando praias. A areia desse trecho oferece uma continuidade irresistível para o caminhante: não é “reta” o suficiente para tornar a caminhada monótona, e sua continui-

dade faz curvas delineando o contorno da cidade, tornando o caminho intrigante e imprevisível. Noto que o meu ritmo de caminhada está muito próximo ao de uma senhora que caminha perto de mim, carregando uma trouxa equilibrada em sua cabeça. Nossa coincidência de passos resulta numa rápida interação, na qual ela me aponta sua curiosa leitura dos tipos de chão que a areia conforma de acordo com seu grau de umidade: perto demais da maré, a areia lamacenta afunda. Longe demais, a “farofa” (areia seca) torna o caminhar mais cansativo.



Croqui de Campo 01:
faixas táteis do
caminhar na areia

Aparece aqui uma observação prática da noção de que organizar as informações do ambiente para escolher seus passos ao construir um percurso é análogo a organizar os pensamentos na mente para escolher as palavras ao construir um discurso – daí uma das importâncias do caminhar no processo de apreensão crítica da cidade.

Isso me faz notar que meus passos vinham escolhendo, sem que eu percebesse, caminhar nessa faixa “semiúmida” da areia o tempo todo. Os pés parecem saber escolher o melhor lugar para pisar, e parece que a mesma ferramenta que faz com que meu corpo esteja sempre inconscientemente atento a cada passo que eleger dar também faz com que meu olhar seja in-

conscientemente crítico ao apreender meus arredores.

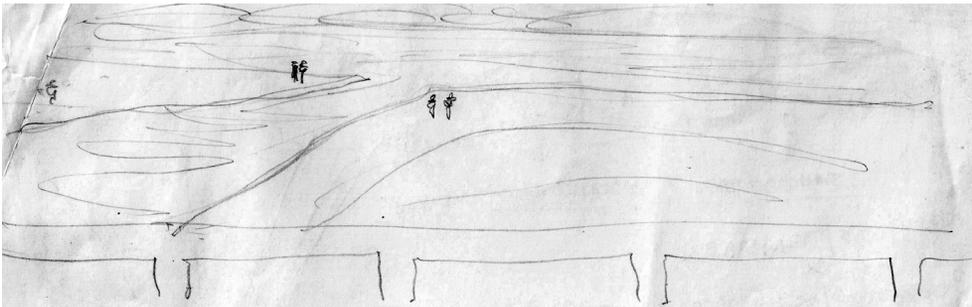
Depois desses primeiros momentos em que a minha atenção esteve involuntariamente fixada em observar, escutar e interagir com as pessoas, me pergunto se eu não deveria estar olhando também para a calçada, a rua, os prédios lá em cima. Mas depois de rapidamente correr os olhos pela linearidade entediante da calçada, da rua e dos prédios, desço de volta e anoto: **“a cidade são as pessoas! não as construções...”**

Desde a primeira caminhada, começa a surgir a inquietação de entender o papel das pessoas como elementos fundamentais na construção de um sentido mais completo para a noção de paisagem.

De volta à areia, noto no horizonte que os edifícios na distância não se abalam com o fato de eu estar caminhando na direção deles há tanto tempo: continuam lá, minúsculos, inalcançáveis. Eles lá imóveis, inalcançáveis nas escalas de tempo e velocidade do caminhar, são a paisagem? Ou a paisagem sou eu, minúsculo e em movimento?

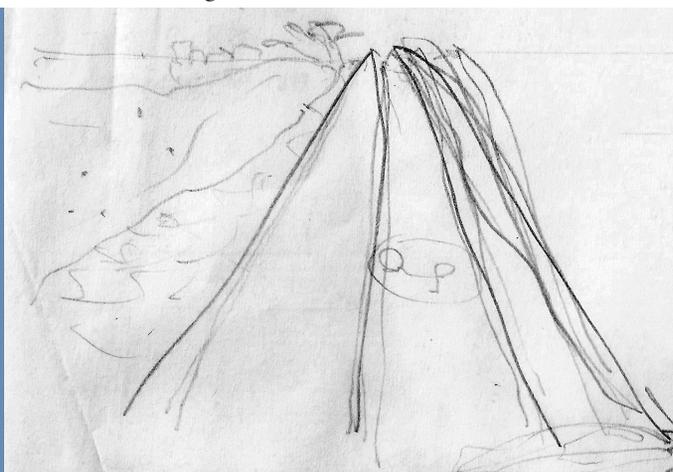
**Croqui de Campo 02:
vista de cima da ponte
da saída do canal /
1ª interrupção no percurso**

Continuo pela areia até não conseguir mais: percebo outros caminhantes mais à frente dando meia volta e subindo o talude para caminhar pela calçada. Sigo e me deparo com uma saída de água de um canal, que passa por baixo de uma via e deságua no mar, cortando a faixa de areia. Parece fundo para



atravessar andando, e como não vi ninguém se arriscando a atravessar a nado, desconfio da poluição da água urbana e faço como os outros: dou meia volta e subo o talude (**ver corte 1 ao fim dos relatos**).

Cá em cima, na calçada, a caminhada é monótona. Não são mais os pés que escolhem onde pisar, como quando escolhiam a parte 'certa' da areia de forma instintiva lá embaixo. Aqui é tudo urbanizado, delimitado: caminhantes vão por aqui, quem faz cooper vai por ali, ciclistas por lá, motoristas com seus carros acolá mais longe. O caminho à frente é retilíneo, e olhar adiante torna a caminhada ainda mais cansativa por antecipação: as linhas retas das calçadas e vias apontam pro infinito e entediam o olhar, em oposição à intriga do imprevisível nas curvas da areia lá embaixo, que contornam o desenho natural da borda do continente com suas reentrâncias e saliências orgânicas do terreno.



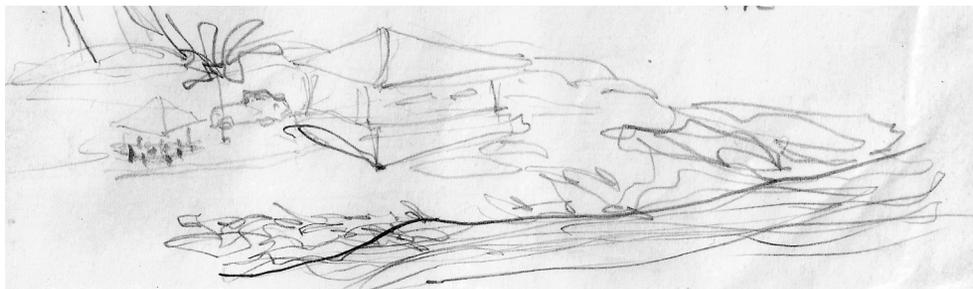
Croqui de Campo 03:
as linhas retilíneas infinitas
das calçadas ordenadas

Aqui na calçada é barulhento. O barulho dos carros passando em alta velocidade na via atrapalha a pensar – lá embaixo, o

bater das ondas ajudava. É aqui que eu me sinto um pouco inseguro pela primeira vez, e isso curiosamente coincide com o fato de ter sido aqui o primeiro lugar por onde, depois, vi policiais passando fazendo a “segurança”. Ando aqui por cima só até encontrar a próxima chance de descer de volta pra areia, que vem logo em seguida. Essa curta caminhada nas linhas retas pareceu mais longa do que os longos trechos nas curvas da areia.

Meu retorno à areia me leva a um trecho onde a prática de esportes é mais comum. Passo por vários babas, sempre evitando atrapalhar, andando pelas bordas das quadras, que são invisíveis, mas tão perfeitamente delimitadas na imaginação, que na prática você sabe muito bem quando pisou dentro da área. Nessa travessia, driblo alguns babas e sou driblado por outros. Algumas bolas são chutadas pra fora do campo enquanto estou passando. Alguns jogadores me pedem que “chute de volta aí, na moral”, outros avisam “DEIXA, DEIXA!”, e a jogada segue campo afora depois de eu quase ser atropelado pela disputa de bola. Essa brincadeira de atravessar os babas me distrai, e de repente me deparo com mais uma saída de canal que me impede de continuar pela areia.

Croqui de Campo 04:
ponto dos pescadores visto
do outro lado do canal /
2ª interrupção

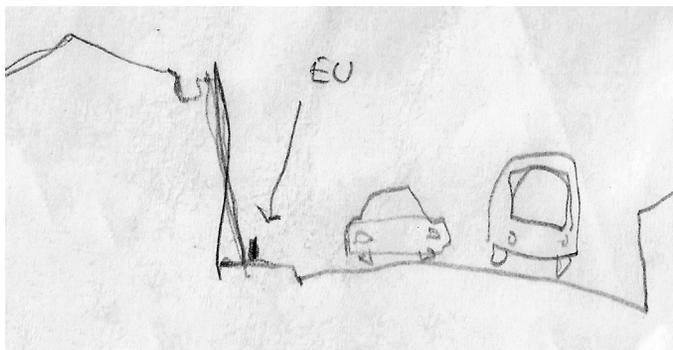


Ao caminhar de novo rumo à calçada, passo por uma casa onde pescadores vendem peixes, ouvem música, bebem, confraternizam com quem chega. Uma cobertura de lona ao lado amplia a área de sombra e cria um lugar pra ficar, sentar, estar (**ver corte 2 ao fim dos relatos**). Chegando à calçada, volto ao tédio. Encontro no horizonte a brincadeira de achar que sei qual é aquele prédio grande na distância, para depois de muito chão descobrir que não era ainda o hotel do Rio Vermelho. Encontro sinais de que estou chegando na Pituba. Mau sinal: avisto que adiante passarei por um longo trecho sem muita chance de caminhar pela areia.

Frustrado em obedecer o caminho das calçadas, sigo por cima, sem achar saídas para descer à areia. Atravesso praças áridas de coqueiros e caminho pela linha estreita entre o guarda-corpo e a pista de carros até chegar em Amaralina, onde passo por um quarteirão que se situa inusitadamente **entre a rua e a areia** – é a primeira vez que isso acontece desde Itapuã. Nessa rua de trás do quarteirão, muita gente se apropria do espaço e parece que a praia “sobe” para cá junto com as pessoas. Pela primeira vez, me sinto como um forasteiro passando por um lugar onde todos se conhecem, em alguns trechos quase como se tivesse entrando na sala da casa de alguém e cortando conversas íntimas. Aqui, as pessoas trazem objetos e situações de suas casas e estendem suas atividades para o espaço entre a casa e a praia, sem carros passando rápido para cortar no meio essas possíveis relações.

Mais tarde essa proximidade maior entre casa e praia, sem via de carros cortando as duas no meio, se revelaria característica de lugares onde as pessoas parecem se apropriar mais dos espaços públicos: a areia parece se estender rumo à casa e a casa se estender rumo à areia.

Essa minha admiração em atravessar um espaço onde as relações com a praia se aproximam tanto do próprio morar dá de cara com o muro quando chego ao quartel de Amaralina, mais à frente. É a primeira vez que a praia some de verdade do meu campo de visão. Converso com a guarita em busca de acesso, mas recebo o “não” que esperava receber. Como resultado, fui obrigado a percorrer o trecho mais apreensivo do percurso até então: de um lado, colado na calçada estreita, estava o muro alto e cego do quartel. Do outro lado, carros passavam em alta velocidade (**ver corte 3 ao fim dos relatos**). Cruzo com poucos e apressados passantes, todos com o mesmo ar apreensivo, como que encolhidos diante das referências imediatas de escala tão desproporcionais com a medida humana: a de tamanho (o muro alto) e a de velocidade (os carros na via ao lado da calçada estreita por onde passamos).



Croqui de Bordo 05:
corte esquemático, trecho do
Quartel de Amaralina

Depois de um longo trecho longe da praia, volto a caminhar mais perto da areia mais adiante, no Rio Vermelho. Chegando ao mercado do peixe, vejo o farol da Barra surgir no horizonte pela primeira vez, e o cansaço parece diminuir depois

desse vislumbre. Próximo ao largo da Dinha, cruzo com um andarilho magro, cabisbaixo, vagando a passos lentos. Me pergunto sobre a motivação do seu caminhar e tento puxar conversa, mas sem êxito. Sigo pensando nele, e depois desse encontro sinto meu cansaço diminuir mais um pouco ao perceber que a experiência do caminhar para muitos é incessante e compulsória.



**Croqui de Bordo 06:
o andarilho silencioso**

Sigo adiante com o passo cada vez mais lento por conta do cansaço. A lentidão parece aumentar a capacidade de apreensão, enquanto o cansaço parece diminuir a capacidade de estranhamento que faz as observações fluírem. Mas o farol da Barra no horizonte me estimulava a terminar o percurso pretendido. Chegando em Ondina (**ver corte 4 ao fim dos relatos**), já muito tomado pelo cansaço, noto o aumento da

minha empatia para com os outros, como se a minha experiência e a deles se misturassem. O esforço brutal que eu fazia a cada passo dado, o peso dobrado que meu corpo aparentava ter toda vez que eu levantava depois de uma pausa pra tomar notas, o suor escorrendo pela testa e pelos braços... Era tudo mais intenso que o normal e meu olhar não conseguia dissociar minha própria experiência da experiência dos outros. Não dava pra me sentir alheio ao homem que passava pedalando morro acima com a naturalidade de quem ainda tem muito fôlego – o mesmo fôlego que eu tinha no início da jornada, mas que agora me faltava. Parecia impensável que alguém conseguisse andar rápido, mais ainda correr. No entanto, observei grupos e grupos de corredores em pleno sol a pino de meio-dia. É mais difícil assimilar que existe diferença entre você e os outros quando se está acometido de sensações tão intensas. Se reforça, ao final da jornada, o poder do corpo como instrumento de apreensão da cidade e dos outros.

percurso 2: ORLA DA BAÍA

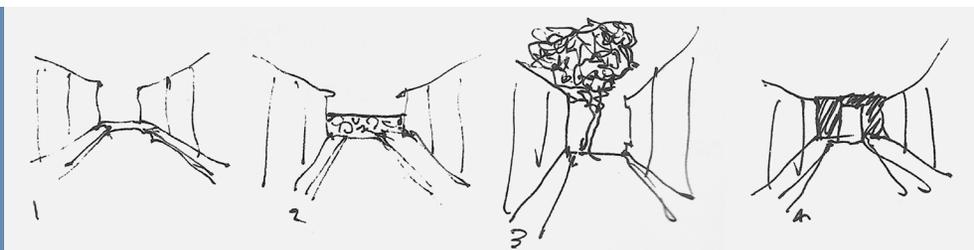
Saio da ponta do Humaitá e logo de cara, no início da manhã, encontro um grupo de graduandos universitários sendo fotografados, nas pedras, com a paisagem da cidade como plano de fundo. Deve ser uma prática comum, essa de se deslocar até ali só pra tirar umas fotos e guardar essa imagem ao fundo que mostra as praias de Itapagipe, a orla portuária da cidade baixa, e os edifícios do Corredor da Vitória bem ao longe. Olhando para esse plano de fundo, imagino como será minha caminhada quando eu estiver passando por cada um desses trechos de orla. Início o percurso, então, mais uma vez tentando estar tão próximo da água quanto eu pudesse.

Meu primeiro movimento de aproximação rumo à areia já me põe a cruzar com pessoas arrumando mesas, cadeiras, barracas – todos **‘preparando’ a praia**. Outros estão na areia armando a rede pro vôlei, e na quadra já está rolando o baba. No ar, um clima de familiaridade entre quem passa e quem se ocupa dos preparativos – percebo que aqueles ali parecem ser ocupantes frequentes daqueles espaços: a areia, a rua, as casas e aquele *entre* que está não exatamente na areia, nem exatamente na rua. A faixa de areia aqui é tão perto do morar que a forma como as pessoas se apropriam da praia parece fazer dela uma extensão do espaço de convívio da casa – me faz lembrar do quarteirão atípico por onde passei em Amaralina, onde a rua principal não cortava a transversalidade entre casa e praia – embora aqui esse caráter pareça mais pronunciado.

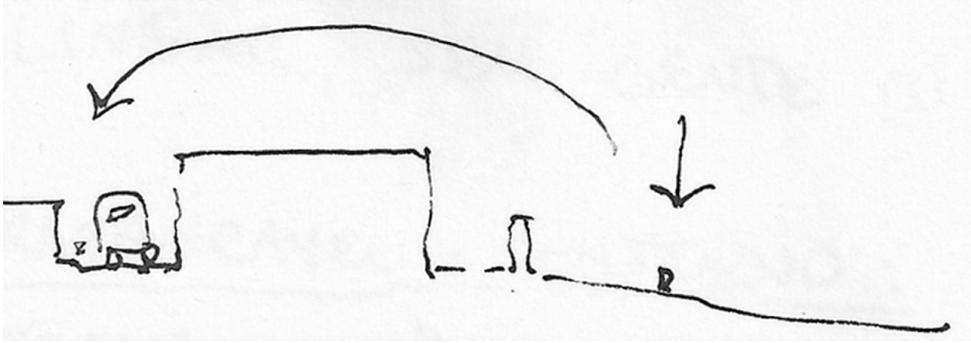
Esta observação foi uma forma primária de identificar a capacidade das práticas cotidianas de transformar os espaços urbanos construindo situações diversas a partir do uso de objetos, arranjos e negociações do território.

Não há dúvida de que aqui os múltiplos trechos de orla se percebem mais como bairro, como vizinhança, como cidade, e não como uma só *orla* longitudinal e única, distante das casas e da vida urbana (como havia sido uma grande parte do trecho observado na caminhada pela orla atlântica). Aqui as habitações estão bem perto da areia, e o acesso até ela se dá por vias perpendiculares à praia que terminam em pequenas plataformas de acesso local ao mar. Intrigado em busca de entender melhor essas relações, adentrei por uma dessas ruas de acesso à praia e segui por dentro, sempre observando como terminavam os becos (ver cortes 5 e 6 ao fim dos relatos).

Croqui de Bordo 07:
os becos transversais e suas
diferentes formas de chegar
à praia



Com isso, a transversalidade é mais pronunciada nas formas de vivenciar os espaços da areia e a ambiência de convívio e ócio parece contaminar as ruas com mais facilidade. Caminhando por dentro em alguns quarteirões, vejo nas conversas entre vizinhos, colegas de trabalho, conhecidos se cruzando pela rua de manhã que, para quem anda na rua, onde tem comércio, trabalho, movimento, carros, ônibus e barulho, a praia está lá *atrás* das casas. Caminhando na praia e ouvindo as conversas daqui, vejo que para quem anda na areia, ouvindo o bater das ondas e se distraíndo com o estar coletivo que acontece aqui, o comércio está lá *atrás* das casas.



Croqui de Bordo 08:
corte esquemático
praia atrás / rua atrás

Chego num trecho em que a faixa de areia tem o acesso mais privativo: não passo mais por ruas perpendiculares que conectam a praia às edificações (que aqui deixam de ser casas e se tornam galpões, depósitos, hospitais etc.) e vejo que tem algum tempo que só venho passando pelas “costas” das propriedades e dos lotes – muitos muros cegos ou portões de quintal, e quase ninguém passando pela estreita faixa de areia. Na primeira oportunidade que encontro, entro de volta e caminho pela rua de dentro, e logo percebo mesmo que **não há mais acesso à praia**: muros cegos e propriedades privadas passam a me distanciar do mar.

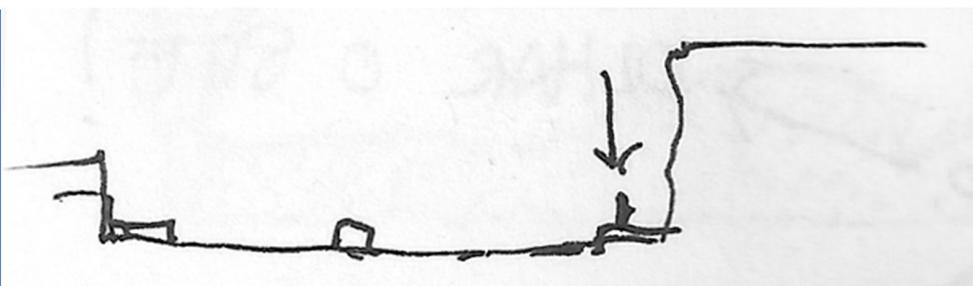
A dificuldade que surge a partir daí em estar por perto do mar posteriormente se constataria ao verificar que a disponibilidade de faixa de areia na orla atlântica é muito maior, embora aqui na orla da baía as apropriações do espaço da praia observadas sejam muito mais intrínsecas à experiência do morar.

Mais adiante, passo em frente à feira de São Joaquim, onde hesito em entrar, mas eventualmente sinto-me convidado pelo burburinho das conversas, trocas, negociações, cores, cheiros etc. e resolvo entrar pra procurar lá dentro algum sinal do mar. Vejo aqui nesse pedacinho de orla uma paisagem tomada pela prática do trabalho: abastecimento, carga / descarga, logística, transporte, comércio. Volto de lá de dentro e sigo pela rua, de onde vejo o mar ao fundo nos raros momen-

tos em que passo por aberturas ou intervalos entre galpões, nas raras situações em que os portões estão abertos.

E então, mais adiante, me deparo com um paredão alto e comprido, que me remete à lembrança do trecho encurralado da primeira caminhada, no quartel de Amaralina. Em frente ao quarteirão dos fuzileiros navais, passo por um longo corredor com o muro alto dos galpões do porto do Comércio de um lado e o muro cego dos fuzileiros do outro (**ver corte 7 ao fim dos relatos**). No meio, pela avenida larga, carros e ônibus passam em alta velocidade, e cá no cantinho eu tento decidir se caminho pela beira do asfalto ou se brinco do equilíbrismo que é tentar andar pela ridícula nesga que se apresenta como calçada. Neste trecho do caminho, não vejo virtualmente nenhuma pessoa passando nem nada acontecendo. Um vazio linear longo e entediante.

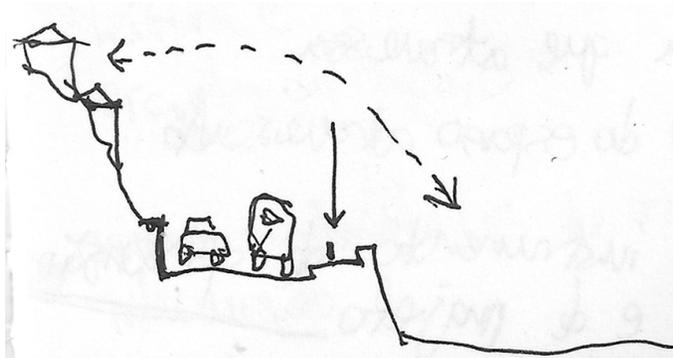
Croqui de Bordo 09:
corte esquemático corredor
Fuzileiros Navais



Ao fim do longo corredor, começo a ver algum movimento à medida em que me aproximo do terminal de transporte marítimo da praça Cayru. Percebo que a linearidade pronunciada desses últimos quilômetros de caminhada predominou sobre as transversalidades do início do percurso, e como re-

sultado me vejo agora muito distante das ambiências de bairro que eram tão claras. Um lembrete disso é o fato de que aqui eu vejo turistas – muitos deles saltando de seus carros de vidro escurecido e caminhando apressadamente para dentro do terminal de transporte. A sensação que dá é que tentam ao máximo evitar a rua. Com isso, contraditoriamente, há uma tensão no ar, apesar de aqui ser o trecho mais movimentado após um longo período do vazio experimentado ao caminhar pelo corredor fuzileiros / porto. Daqui em diante, volto a ter contato visual com o mar, mas sigo impossibilitado de me aproximar mais da água pela presença de áreas privadas – propriedades militares, galpões, trapiches, marinas etc. Nos intervalos, vejo algumas praias muito pequenas, de acesso difícil. Olho pro lado oposto da via e vejo habitações na encosta, mas qualquer possibilidade de transversalidade aqui é cortada pela avenida Contorno, com seu trânsito pesado intimidador e seus escassos pontos de travessia segura para pedestres (ver corte 8 ao fim dos relatos).

Croqui de Bordo 10:
corte esquemático
Av. Contorno vs.
transversalidade

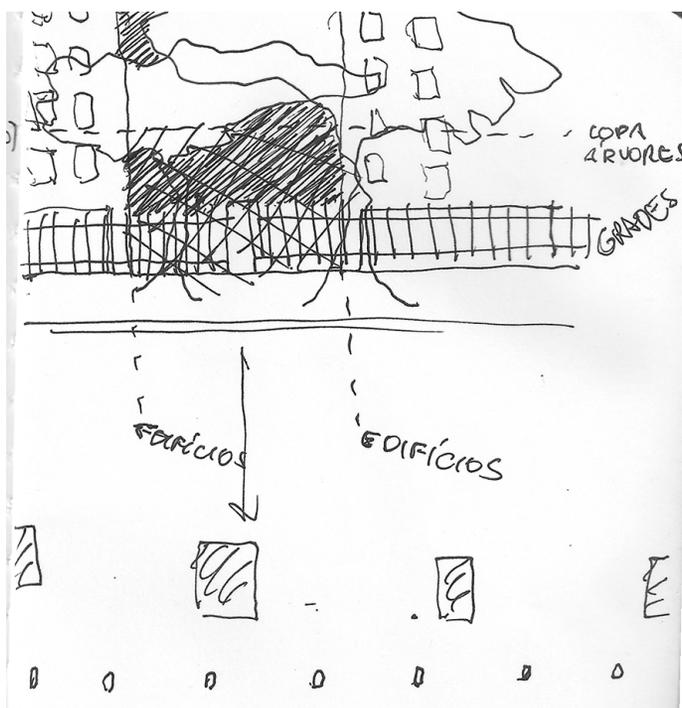


Na subida da avenida Contorno, ao me deparar com o início de uma vala como única alternativa para seguir caminhando,

me relembro das inúmeras recomendações que ouvi nos dias anteriores de amigos e familiares quando eu conversava sobre o plano de realizar essa experiência de caminhar pela orla da baía: “cuidado com a vala da Contorno!”. A ênfase quase desesperada que tantas pessoas diferentes deram ao falar sobre este trecho acabou me imbuindo de uma apreensão que eu não tinha antecipado: como antes eu desconhecia sobre qualquer advertência sobre a tal vala, minha ideia era ignorar as recomendações e seguir adiante. Mas o medo se revelou uma barreira psicológica forte demais quando percebi que, de repente, eu já estava caminhando na vala e notei que a abordagem das pessoas ali não era receptiva. Resolvo desviar o caminho e volto para atravessar a rua em frente ao MAM e subir a ladeira dos Aflitos. Ao fazer isso, percebo que estar caminhando na borda da Contorno não significava exatamente estar o mais perto possível do mar – e isso seria especialmente verdade após o túnel, quando eu alcançasse o vale do Canela. Subir aqui não pareceu uma subversão tão forte à “regra” da experiência de caminhar continuamente, já que um pouco mais adiante pela Contorno, eu estaria ainda mais distante do mar, no vale. Esse desvio me remeteu às barreiras à continuidade que encontrei na primeira caminhada, da orla atlântica.

Por cima, vou procurando sinais de contato visual com a água, e isso me leva a entrar pelo “atalho” do passeio público, de onde se vê o mar, do alto da encosta, durante o percurso. Saindo na praça do Campo Grande, percebo que não há mais

qualquer ambiência que remeta à experiência de se estar na orla, e isso me faz questionar a decisão de ter vindo por cá. No entanto, logo adiante, ao chegar no Corredor da Vitória, me dou conta que ali é o mais perto que se pode estar da orla naquele trecho da cidade – a encosta que reserva o acesso ao mar aqui é completamente privatizada e de uso exclusivo de quem mora nos edifícios do lado oeste da rua. Daqui da rua, fico procurando enxergar sinais do mar, e o máximo que se percebe dele acontece em breves intervalos entre os prédios, em “janelinhas” que se formam nos vazios entre os edifícios e as árvores.



Croqui de Bordo 11:
janelinhas para
o mar na Vitória

Ao fim do Corredor da Vitória, começo a descer a Ladeira da Barra e encontro algum contato com o mar quando chego

no janelão que se abre no meio da ladeira, de onde se vê a baía. À distância, vejo uma paisagem tida por muitos como bela, vendida por muitos como algo desejável ou saudável de se ver todo dia, da distância, da varanda dos prédios luxuosos ali. Mas, na prática, vejo que este trecho de orla incorpora usos e apropriações exatamente na sua parte que está mais escondida nesse local, a qual tive que me esforçar pra encontrar: a Vila Brandão, ali resistindo no grotão da topografia da encosta da Vitória. Apesar do acesso afunilado e das formas de vivência dos espaços abertos que se aproximam mais de um semi-privado, tratam-se ainda, em essência, de espaços de acesso público, ou seja: são a exceção à regra dos espaços privados e sem acesso daquele trecho. Se não fosse por este **respiro que é a Vila Brandão** – onde se observam pessoas convivendo nos espaços comuns, crianças brincando na rua e jogando bola, gente passando etc. –, a orla privada da Vitória encontraria com a orla privada do Yacht Club, que são locais em que as possibilidades de interagir com a água e praticar a paisagem da orla têm dono, têm controle de acesso.

Após chegar ao Porto da Barra, no pé da ladeira, me deparo com a mesma sensação que tive ao estar chegando ao fim da primeira caminhada: estou em um território já tão familiar que parece impossível ter algum estranhamento que provoque alguma observação mais analítica. Mas, talvez por conta do cansaço do fim de percurso ou pelo fato de eu ter observado continuamente tantas formas diferentes de se aproximar e se distanciar da borda, enxergo com mais intensidade

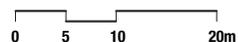
A transversalidade novamente se mostra uma característica marcante nas relações existentes nas formas de praticar a paisagem neste trecho da orla e interagir com o mar.

a potência da praia do porto como espaço público naquele momento. Aqui, observo fortes relações transversais na forma de praticar a paisagem: é como se as atividades da areia subissem pra calçada e contaminassem a rua, tomando-a com a ambiência e as práticas da praia. Isso revela a complexidade dos espaços públicos e das formas de apropriação dele que as praias podem incorporar.

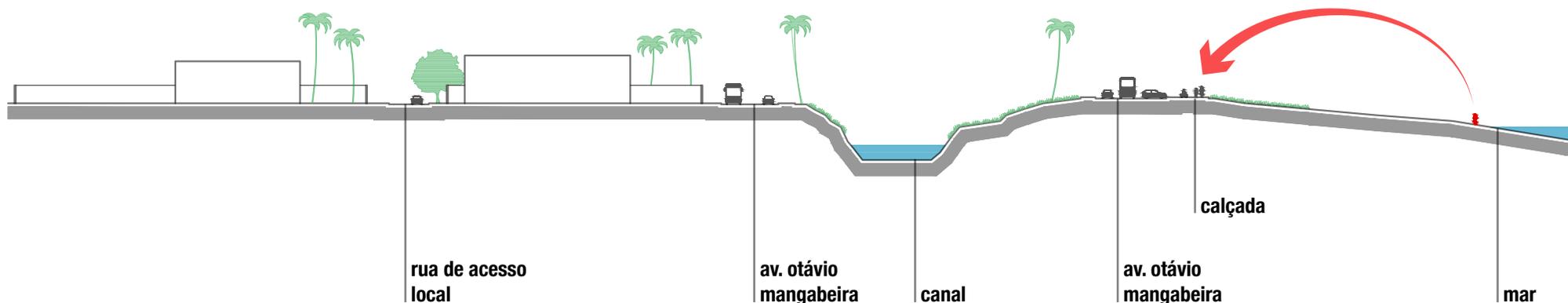
A caminho do farol da Barra, eu estava já tão cansado que nem me atentava mais ao fato de que a experiência ainda estava em curso. Paro para tomar uma água de coco e sou surpreendido por uma reveladora interlocução com o vendedor, que reclama do controle da prefeitura e da submissão à qual foi obrigado, sendo deslocado de seu posto de trabalho devido às reformas incessantes por ali. Ele reclama também do preço de venda do coco tabelado pela prefeitura (mais caro do que costumava cobrar), da distância que está do recipiente de lixo (sendo obrigado a juntar os cocos descartados num saco enorme e carregar tudo até o farol no fim do dia) e da perda de familiaridade com a clientela. Um freguês termina de tomar seu coco e pede a ele para abri-lo, ao que ele responde “Vai pedir ali na prefeitura pra abrir!”, apontando pro escritório temporário que cuida das obras, pois agora não é mais permitido o uso de facões “por motivo de segurança”. Essa interação me chama a atenção sobre a padronização das barraquinhas de coco que, ainda que de forma improvisada, já está instituída e **revela uma vontade de controle** e ordenamento das atividades que acontecem por ali.

Essas observações apontam para o fato de que, a este ponto, as obras já em curso na orla da Barra modificam tanto as práticas e o cotidiano dos espaços, que já começam a me causar um certo estranhamento. Mais adiante, eu notaria que aquele já se tratava praticamente de um novo lugar para mim, apesar de toda a familiaridade que eu tinha com o bairro.

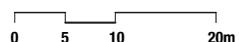
corte 1
Patamares



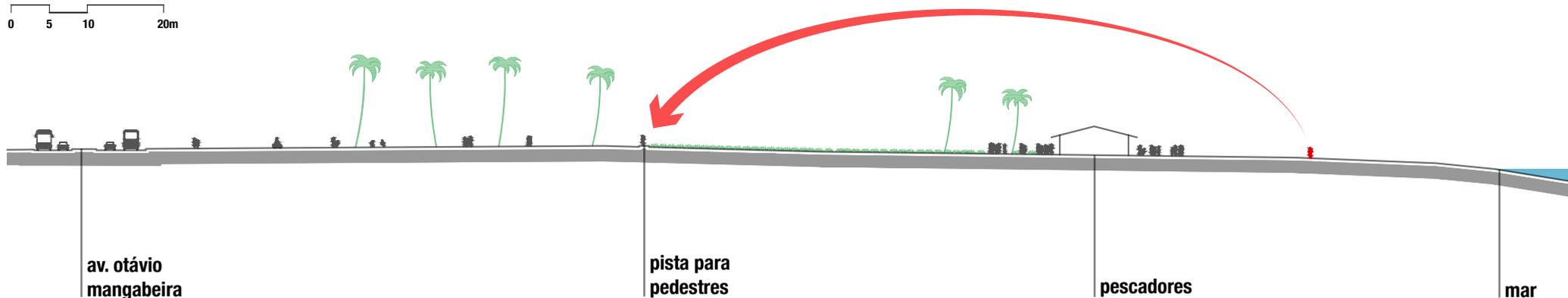
Primeiro desvio no percurso, que fez com que o caminhante se deslocasse da areia para a calçada devido à desembocadura de um canal cortando a faixa de areia.



corte 2
Praia dos Artistas

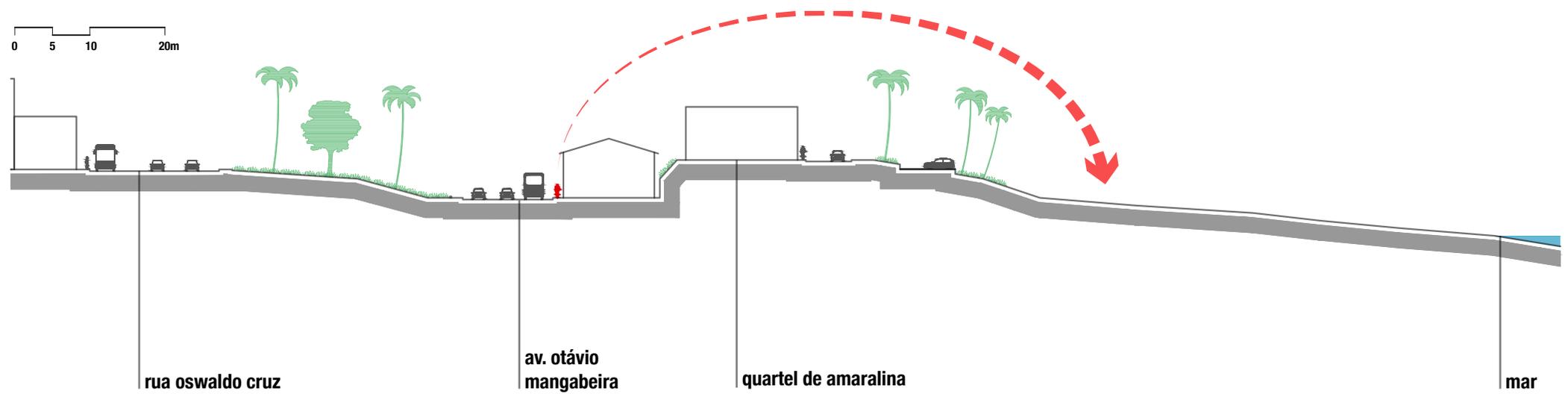


O segundo desvio aconteceu próximo a um ponto de comércio de pescadores, novamente devido à saída de um canal na areia.



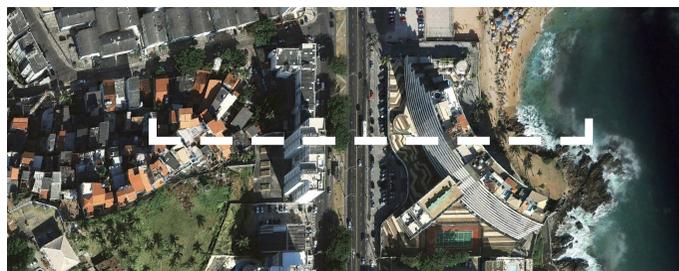
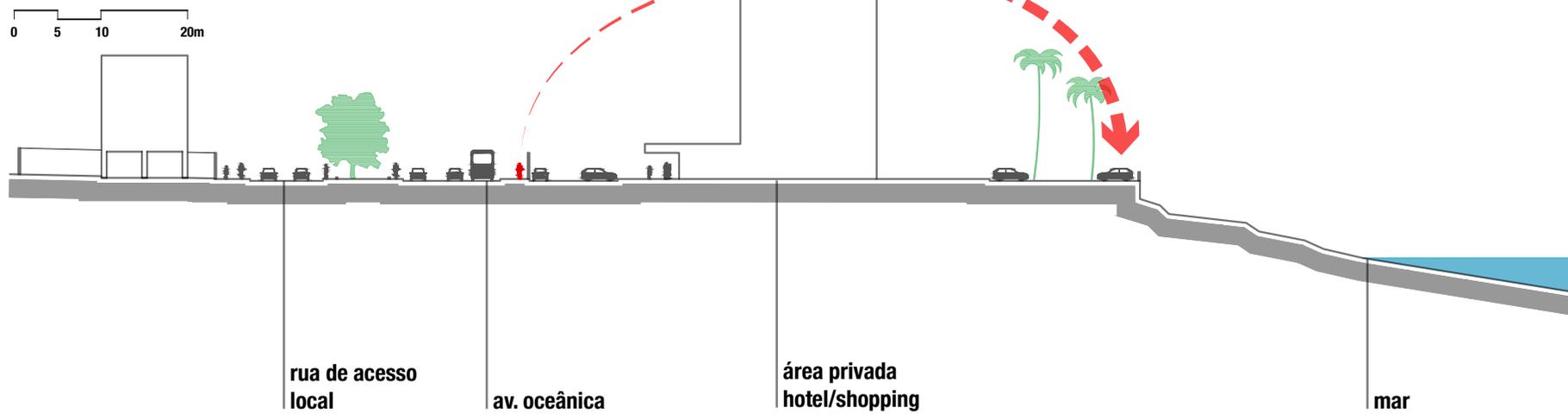
corte 3
Amaralina

Na altura do Quartel de Amaralina, o caminhante se vê obrigado a andar pela calçada da Av. Otávio Mangabeira, uma vez que o acesso à praia é restrito pela propriedade do Quartel.

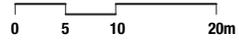


corte 4
Ondina

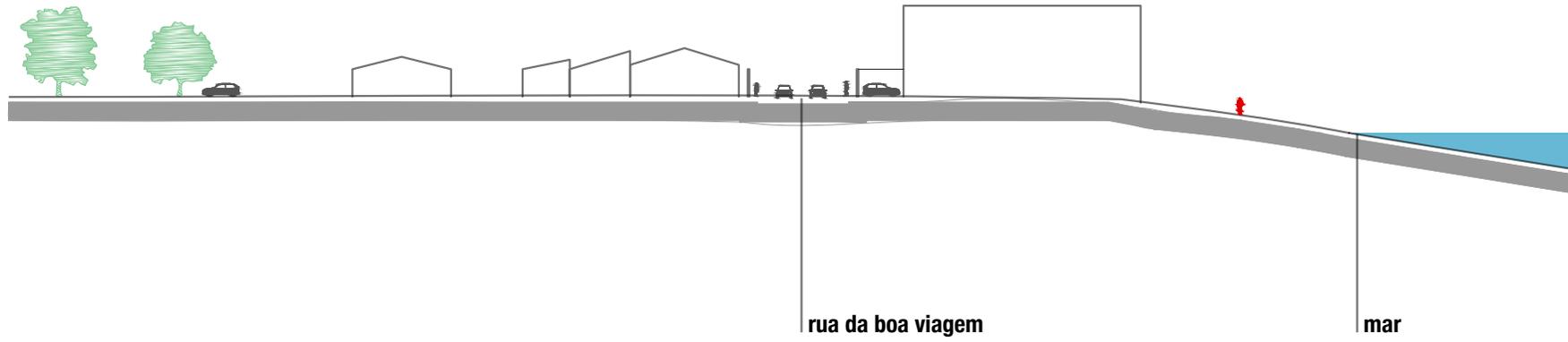
A mesma restrição acontece em Ondina, quando o caminhante é impedido de acessar a areia por conta do Ondina Apart Hotel.



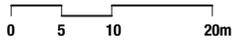
corte 5
Cantagalo



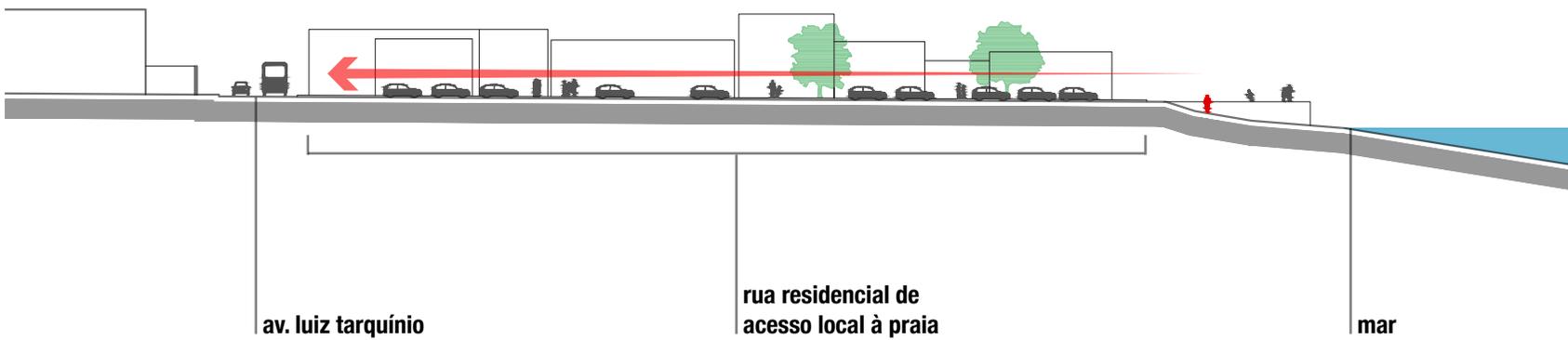
Ao longo da Praia do Cantagalo, o caminhante acessa livremente toda a faixa de areia, sem interrupções



corte 6
Cantagalo



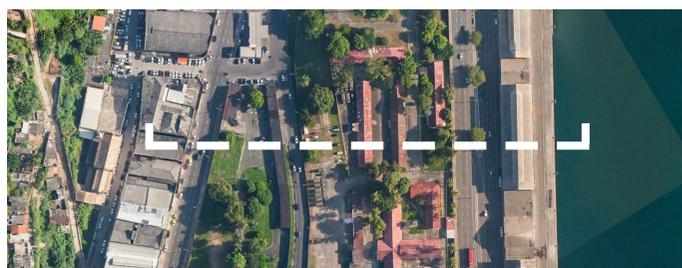
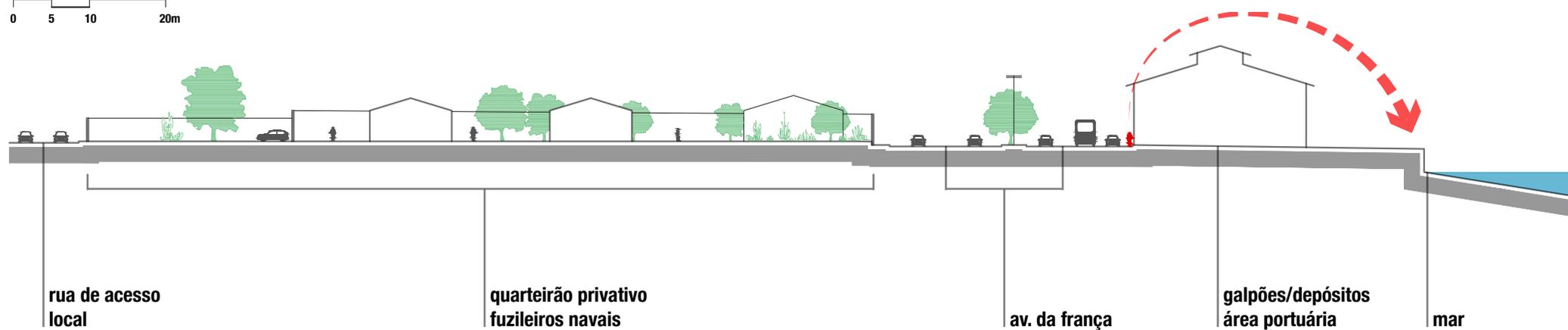
Mais adiante, o desvio no percurso consiste na própria investigação do caminhante sobre a transversalidade a partir da rua perpendicular à praia, residencial e de acesso local.



corte 7
Área Portuária

0 5 10 20m

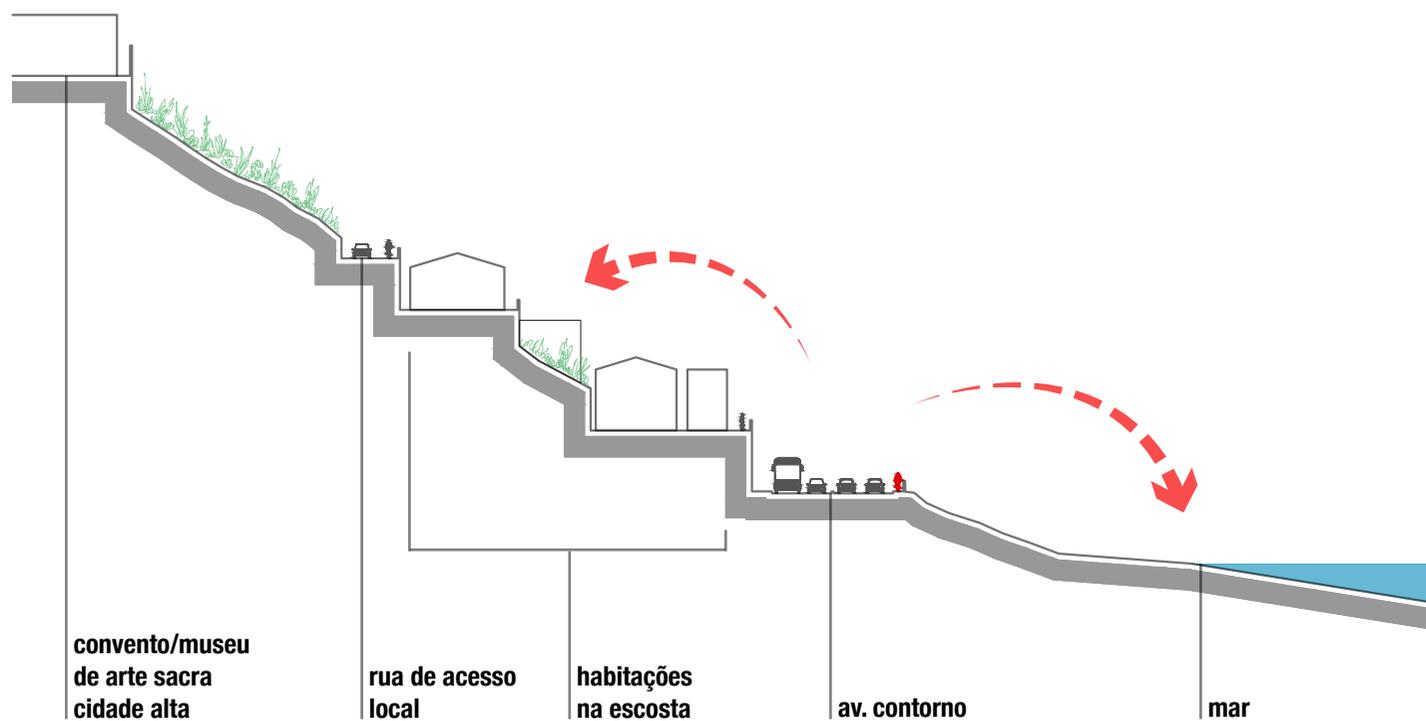
Ao longo da área portuária, o caminhante se vê todo o tempo impedido de acessar a beira do mar. Nesse momento, não há relação física ou visual entre a Av. da França e a água - sabe-se que ela existe apenas por sua continuidade.



corte 8
Contorno

0 5 10 20m

A Av. Contorno, com seu trânsito de alta velocidade e dificuldade de travessia, corta possíveis relações de transversalidade entre a encosta habitada e a praia.





cartografia percurso 1:
orla atlântica

- percurso do caminhante
- faixas de areia



PARTIDA

CHEGADA

- essa água tá muito seca!
- mas é bom que faz piscininha.
- famílias
- cachorros
- pessoas conversando com seus cachorros
- continuidade
- a cidade são as pessoas! não os prédios...
- edifícios no horizonte não se abalam com minha caminhada em sua direção

- a subida em jaguaribe me trouxe uma caminhada muito mais monótona, ruidosa e insegura (curiosamente, foi justamente aí que estavam os primeiros policiais que vi), o repetido "vrum-vrum" dos carros é um incômodo pra paz da minha mente; o bater das ondas alivia, acalma. as linhas retas e infinitas do calçamento são entediantes. o horizonte em transformação observado da areia, que se esconde toda hora nas curvas da borda da cidade com o mar, mantém o percurso interessante. descoberta, exploração X previsível, retilíneo

outra barreira à continuidade na areia, mas dessa vez o desvio me leva ao encontro de um grupo de pessoas próximo a uma casa de pescadores onde as pessoas se juntam pra beber, ouvir música e comprar/vender peixe.

- a primeira vez que a praia "some". o quartel me nega o acesso à areia e isso resulta no trecho mais apreensivo do percurso até agora: de um lado, colado na estreita calçada, o muro alto e cego do quartel. do outro, carros vindo em alta velocidade. poucos e apressados passantes. o medo vem da impossibilidade de correr (pra onde?) ou recorrer (a quem?) experiência.

- volto a andar perto da areia. o farol da barra aparece no horizonte, finalmente. passo por um andarilho cabisbaixo, cansado, vagando a passos lentos. me pergunto a motivação do seu caminhar. tento abordá-lo, mas sem sucesso. sigo pensando nele. meu cansaço parece diminuir depois desse encontro.

- já totalmente tomado pelo cansaço, comecei a observar em mim uma empatia excessiva para com os outros, como se eu projetasse neles a minha experiência, a minha sensação. o esforço brutal que eu fazia a cada passo que eu dava, o peso dobrado que meu corpo parecia apresentar toda vez que eu tentava me levantar depois de uma pausa pra tomar notas, o suor escorrendo pela testa e pelos braços... tudo isso era intenso demais para que meu olhar conseguisse dissociar minha própria experiência das dos outros. era intenso demais para que eu conseguisse achar normal um rapaz pedalando morro acima com a naturalidade de quem ainda tem muito fôlego - o fôlego de início de jornada que há muito me faltava. parecia impossível que alguém conseguisse andar rápido, quanto menos correr! e ainda assim, observei grupos e grupos de corredores em pleno sol a pino de quase meio dia. é difícil aceitar a diferença quando se está acometido de sensações tão fortes. senti na pele o quanto o nosso corpo é o nosso canal de comunicação, nossa ferramenta de leitura e apreensão das pessoas e da cidade.

cartografia percurso 2:
orla da baía

percurso do
caminhante 
faixas
de areia 



ponta de
montserrat
PARTIDA

canta galo

área portuária

preguiça

contorno

gamboa

vitória

porto da
barra

barra

CHEGADA

- praia "atrás" (ver croqui)
- muros e "costas" voltados pra areia tornaram o caminho demasiadamente imprevisível. em alguns trechos, contenções e muros me impediam de passar (a não ser pela água). como alguns permitiam acesso e outros não, eu não conseguia saber até onde eu poderia ir com a possibilidade de "entrar de volta" na cidade. depois de um tempo, voltei e segui por dentro
- nas perpendiculares: bairro / habitação / vizinhança / relação próxima com o trabalho (ver croquis das ruas perpendiculares com a praia)
- por dentro: o "baile das poças" com os passantes levando a encontros e interações inusitados

- muita gente, muitas trocas, cores formas de se apropriar do espaço público. carros, ônibus, gente, carrinhos de mão, barracas. o mar aparece ao fundo em raras aberturas ou intervalos entre galpões ou áreas sem muros (ou portões abertos)

- uso do mar como meio de transporte (principalmente turistas). tem-se, finalmente, algum contato visual com a água, mas há um distanciamento gerado pelas áreas privadas (propriedade militar, galpões, trapiches). passo por algumas praias pequenas no caminho, mas vejo pouco uso - o acesso a elas é muito difícil (quando há algum acesso de fato) - ver croqui

- um longo corredor (ou vala) onde ninguém anda ou permanece. ruas largas, muitos carros passando rápido, quase sem calçada. muro alto. um grande vazio linear, sem gente ou atividades. me lembrei muito do quartel de amaralina (que não é nada comparado com esse trecho aqui)

- pego o "atalho" do passeio público e vou parar quase no campo grande. aqui estou já tão distante da água da baía que não há mais o menor sentimento de que aqui é "orla" ou borda de alguma forma. breves intervalos entre os prédios criam janelinhas de onde se vê um lembrete da presença do mar (ver croquis)
- aqui é orla?

- uma forte barreira psicológica se coloca no meu caminho (o medo da vala) e eu acabo desviando e subindo a ladeira dos aflitos, atravessando em frente ao MAM. a falta de conhecimento prévio sobre o suposto "perigo" provavelmente me levaria a seguir adiante (enriquecendo a intensidade da experiência)

- no meio da descida, um "janelão" se abre e a baía volta a aparecer. a distância da água reforça a ideia de uma paisagem tida por muitos como bela, mas que na prática não incorpora usos ou atividades. exceto pela vila brandão, que está escanteada na encosta da vitória, a frente com a baía nesse trecho é privada - o yacht club é o principal "dono" dessa faixa e suas possibilidades de interagir com a água, praticar a paisagem.

- ao chegar embaixo, sinto-me em território já tão familiar que parece impossível forçar alguma análise ou leitura, mas talvez o cansaço de fim de percurso tenha contribuído, ou o fato de eu ter experimentado tantas formas diferentes de se aproximar (ou distanciar) da água, enxergo com mais intensidade a potência das praias da barra - principalmente o porto - enquanto espaço público. apesar de muito conturbada, a área agrega muita gente, muitas formas diferentes de interagir com a paisagem, muitas práticas e relações (sociais, contemplativas, artísticas, comerciais) que reforçam a qualidade de espaço público que as praias podem incorporar.

- no caminho do porto ao farol, ao parar pra uma água de côco, e já cansado demais pra sentir que a experiência ainda estava em processo, sou surpreendido por uma interlocução com o vendedor, que reclama do controle da prefeitura e da submissão à qual foi obrigado, sendo deslocado de seu posto de trabalho devido às reformas incessantes. reclama do preço que é obrigado a cobrar (mais caro do que cobrava antes), da distância do recipiente de lixo (é obrigado a juntar as cascas de côco num saco plástico e carregar pros contêineres no farol) e da perda da familiaridade com a clientela. um freguês pede a ele pra abrir o côco, e ele manda "ir pedir à prefeitura", que não deixa mais abrir. isso me chama a atenção pra padronização das barraquinhas de côco que, ainda no improviso, já está acontecendo e revela uma vontade de controle e organização das atividades no espaço público.

considerações finais

O contraste resultante da continuidade entre áreas distintas, com diferentes práticas e diferentes *estados de praia*, reforçou o potencial da experiência do caminhar como instrumento de apreensão da cidade, das experiências e dos processos em curso naquele momento da ação. A decisão pelas caminhadas não implicava a exclusão dos outros instrumentos tradicionais de estudo e análise: mapas, bases topográficas, fotos aéreas e fotografias tipo *Google Street View* seriam utilizadas também, mas como ferramentas complementares que ajudassem a tirar dúvidas e servissem como base para desenhos cartográficos, cortes etc.

Essas experiências de caminhadas contínuas ao longo das orlas revelaram, a partir das observações, dos percursos, e dos contatos feitos com outros passantes ao longo do processo, a existência de uma grande diversidade de práticas e formas de apropriação do espaço urbano ao longo da área de estudo. Muitas delas são largamente ignoradas pela vertente de pensamento que entende como principais elementos a compor a paisagem as estruturas mais rígidas da cidade, como a topografia, as edificações, e os elementos naturais. As pessoas que habitam, frequentam, praticam e de fato transformam e ressignificam estas paisagens são frequentemente deixadas de lado ao se elaborarem projetos como os que constam nas imagens apresentadas pelo dispositivo *Nova Orla de Salvador*, que ignoram as práticas que transformam e ressignificam tais paisagens. A travessia dos espaços urbanos das orlas e a oportunidade de experimentá-los *de perto e de dentro*, em contato com as pessoas e suas práticas que imbuem

esse espaço de significado, foram revelando aos poucos as relações entre a questão da paisagem nas orlas de Salvador e as práticas cotidianas que acontecem na área de borda da cidade.

Ao fim do segundo percurso, realizado em Março de 2014, a orla da Barra apresentava-se já completamente modificada pelo estado das obras da reforma. A interlocução com o vendedor de coco chamou a atenção para a forma impositiva como o modelo de intervenção *Nova Orla* implicava um ordenamento do território urbano, estabelecendo arbitrariamente os novos pontos de serviço de trabalhadores informais, e a padronização de atividades comerciais como a venda de bebidas e alimentos e o aluguel de utensílios na areia da praia, com kits oferecidos pela Prefeitura que regulamentam preços, marcas, horários etc.

Os processos resultantes dessa postura – que são ditados primariamente pela especulação imobiliária e pelo interesse corporativo e controlados por políticas patrimoniais – tendem a inverter a ordem de prioridade com a qual se observam as camadas, como foi mostrado anteriormente. Em vez de se praticar o olhar *de perto e de dentro*, encontrando primeiro as práticas dos habitantes e frequentadores cotidianos e suas interações, para então entender o papel das situações geradas por estas práticas, que modificam a ambiência do espaço urbano em diferentes temporalidades, e então entender o rebatimento e as demandas advindas desses processos sobre a morfologia da cidade e seus elementos rígidos (ruas, calçadas, mobiliário, edifícios), a forma de pensar das entidades responsáveis pelas transformações urbanas contemporâneas em

Salvador revela uma leitura na ordem inversa: primeiro, garantir a ‘requalificação’ dos elementos morfológicos e das estruturas físicas da cidade (como uma reforma no palco vazio), entendendo que as modificações feitas nessas estruturas possam ditar e regulamentar todas as possibilidades de atividades *fabricadas* pelos elementos cenográficos planejados (eventos, tematizações espetaculosas do espaço urbano, dispositivos de ordenamento e pacificação), que vêm em seguida, trazendo por último um público de visitantes eventuais e, ao mesmo tempo, paulatinamente expulsando os praticantes cotidianos ordinários que davam significado às *paisagens praticadas*, restringindo muito a possibilidade de que os atores encontrem espaço para fazer da cidade um palco livre para a atividade humana.

O dispositivo *Nova Orla* significa uma negação das *paisagens praticadas* ao inverter a ordem com que se tratam os elementos que as compõem, substituindo estas por eventuais *paisagens fabricadas*, ditadas por eventos programados e situações planejadas no projeto de transformação desses espaços urbanos. A ordem atual (palco-cenário-atores) resulta em *paisagens fabricadas* que exercem forte pressão em limitar e retrain as *paisagens praticadas* que aconteciam no estado anterior à intervenção, que são o resultado da ordem inversa das camadas (atores-cenário-palco). A dimensão propositiva deste trabalho, então, consiste em trazer à tona esta **inversão da leitura das camadas** inerente às transformações resultantes de projetos como os do dispositivo *Nova Orla* de Salvador, e com isso demonstrar a possibilidade da obtenção de cenários e estados alternativos a partir de um pensamento *outro*. Esse outro pensamento seria fruto de um reordenamento na leitura das camadas ao se planejar e propor transformações

e intervenções em espaços da orla da cidade, na busca pela facilitação das *paisagens praticadas*, enfatizando o potencial dos diversos *estados de praia*, a partir daí entendidos como um ponto de partida para o pensamento e a proposição dessa outra cidade possível.

referências bibliográficas

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; e MARICATO, Ermínia (2011) – *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Ed. Vozes, Petrópolis, RJ.

CARERI, Francesco (2013) – *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Ed. Gustavo Gili, São Paulo, SP.

SAMPAIO, Antônio Heliodório Lima (2010) – *10necessárias falas: cidade, arquitetura e urbanismo*. EDUFBA, Salvador, BA.

AQUINO, Eduardo. *Beachscape*. University of Manitoba, Canadá.

Disponível em:

<<<http://umanitoba.ca/faculties/architecture/facstaff/faclist/aquino.html>>>

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, vol. 17, nº 49, junho de 2002.

Disponível em:

<<<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>>>

referencial de instrumentos legais

Legislação Federal

Lei nº 7.661, de 16 de maio de 1988 - Institui o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro.

Decreto nº 5300, de 7 de dezembro de 2004 - Regulamenta a Lei nº 7.661, de 16 de maio de 1988, que institui o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro - PNGC, dispõe sobre regras de uso e ocupação da Zona Costeira e estabelece critérios de gestão da orla marítima.

Legislação Municipal

Lei nº 3.377, de 23 de julho de 1984 - Dispõe sobre o Ordenamento e do Uso e da Ocupação do Solo no Município da Cidade do Salvador e dá outras providências.